

Preços d'assignatura:

Para a cidade, por anno rs. 1200 — Semestre 600 rs. — Provincias: — Por anno rs. 1800 — Semestre 750 rs. (franco de porte.) Annuncios e correspondencias de interesse particular 20 rs. por linha, repetição 10 rs.

NUMERO AVULSO . . . 30 rs.

O FUTURO

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA MOCIDADE Á CAUSA DA PATRIA

Advertencias:

Assigna-se e vende-se na rua Nova n.º 3. Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes as quaes serão pagas adiantadas.

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte. á redacção do FUTURO, rua de D. Pedro 5.º n.º 13.

3.º ANNO

PUBLICA-SE ÁS SEXTAS FEIRAS

NUMERO 146

BRAGA 2 DE JANEIRO DE 1874

Analyse da Certidão da Sentença condemnatoria do «Futuro».

O que não pôde fazer o grande sabio portuguez, o nosso estimavel L. Antonio Vernei, arcebispo de Evora, quando tentára a reforma da orthographia da lingua portugueza, *estam-n'o fazendo*, agora os empregados do governo que se fizeram, voluntariamente, cargo de escrever, não, conforme a orthographia do sr. Garret, ou segundo o systema do sr. Castilho, ou consoante as regras do sr. Silvestre Pinheiro, mas sim de harmonia com as leis da mais crassa e supina ignorancia.

Se julgam, que não fallamos verdade, ahí tem uma prova; é a copia da sentença contra o «Futuro».

De proposito a publicamos, em nosso numero passado, tal como está no autographo.

Que diria o sr. Latino Coelho, ao ler este documento, elle que em 1833 fallava assim n'um artigo: «a nação portugueza escreve em mil dialectos desconchavados e absurdos, que poriam a tormento um estrangeiro, que se tentasse a aprender o idioma de Camões!»?

Que diria o acerrimo defensor e propagador e reformador da instrucção popular, o sr. Castilho, ao ver o modo como escrevem os que tinham obrigação de escrever bem, elle que ha alguns annos dizia assim: «umas das queixas antigas de Portugal, e das mais cheias de razão, é a da *anarchia graphica*. Ha mais de trinta tratados de orthographia, e orthographia não existe; cada um escreve a seu modo, este por um systema que elle mesmo engenhou, aquelle porém arremêdo do systema que se lhe foi enghendo fortissimamente; a maior parte sem especie alguma de norma, pela toada e por palpite. Quem dictasse uma mesma pagina a cem mil (!) portuguezes para a copiarem, achar-se-hia a final com um archivo de cem mil paginas tão diversas, mas das outras na cacographia, como no caracter e feição da letra.»

Muitos modos de escrever, estranhos, sem analogia, nem auctorisação da etymologia ou do uso, mas deparou o tal documento, que não podemos furtar-nos ao desejo de os apontar, e lançar, sobre quem merece, a responsabilidade de tantas faltas censuraveis que importam commisso maxima desconsideração ás auctoridades respectivas, collocadas em grau superior.

Lê-se por exemplo: *official* em vez de: *offical*; *conducurado* em lugar de: *condecorado*; *Em hum* em vez de: *n'um*; *Magistade* em lugar de: *Magestade* (ou *Magjestade*); *Futilissima* em vez de: *Fidelissima*; *thior* em lugar de: *theor* [ou *teor*]; *Fucturo* em vez de: *Futuro*; *Parte* em lugar de: *parte*; *Menisterio* em vez de: *Ministerio*; *desecele* em lugar de: *dezasete*; *ehum* em vez de: *e um*; o *fucturo* em lugar de: o *Futuro*; o *fantasma*, *Em que* em vez de: o *fantasma* em que; *expreeção* em lugar de: *expressão*; *ebem* em vez de: *e bem*; *ofende* em lugar de: *offende*; *injuria* em vez de: *injúria*; *inqueridas* em lugar de: *inquiridas*; *edictor* em vez de: *editor*; *dis* em lugar de: *diz*; *addecional* em vez de: *addeccional*; *athé* em lugar de: *até*; *Fasendo* em vez de: *Fazendo*; *aplicação* em lugar de: *applicação*; *não à* em vez de: *não ha*; *algua* em lugar de: *alguma*; *resão* em vez de: *razão*; *dosentos* em lugar de: *duzentos*; *conserto* em vez de: *concerto*; *incriminado* em lugar de: *criminado*; etc., etc., etc.

Eis aqui como se passa um documento, que a lei manda fazer publico!

Que diriam os leitores se nós apon-

tassemos tudo, tudo, que se nota do delectuoso no referido documento?

E se fallassemos da pontuação, da virgulação, da syntaxe e dos erros doutrinaes que se encontram na Certidão?

Diz-se, por exemplo: «no artigo que tem a epigraphe — o Fantasma — na columna primeira a folhas cinco, columna segunda» etc.? Que quer isto dizer? Se os leitores adivinharem tem a consoadá. Quando é que o «Futuro» teve cinco folhas?

Quem é capaz de escrever uma cousa tão linda como esta: na columna primeira... columna segunda?

Então, em que ficamos? O artigo está na columna primeira, na columna segunda, ou está n'ambas, ou como é isto?

O Fantasma na primeira columna! Esta não é má! Na primeira columna d'esse numero criminado está um commentario á Declaração do proprietario da fallecida «Gazeta do Minho» e o artigo principal, cuja epigraphe é: *Secção Politica*.

O artigo *Fantasma* está na undecima columna do n.º 17, ou na primeira columna da terceira pagina do n.º 17; porque, cada folha tem quatro paginas, e cada pagina tem cinco columnas, e não com erradamente se disse: na columna primeira a folhas cinco, columna segunda.

E que dizer d'este principio politico: «e ao systema representativo que se funda na mesma Carta»?

Muito antes de haver a Carta Constitucional já havia systema representativo.

E senão haja vista as cortes de Lamego, Coimbra e Lisboa, onde nos tres braços do Estado, estava representada a nação.

Levar-nos-hiam muito longe as considerações, que poderiamos fazer a respeito de materia doutrinal; não é esse o nosso intento.

Tivemos em vista, sómente, o mostrar ao publico a illustração de quem está trabalhando em negocios da justiça.

A' vista d'isto, quem é tão ignorante não admira que tenha um procedimento politico tão imprudente, e até provocador.

No processo do nosso jornal não houve consciencia, houve paixão e rancor partidario.

Recebemos a seguinte carta que agradecemos e nos appressamos em publicar.

«Ill.º sr. redactor do «Futuro».

A miseravel questão maçonica que desgraçadamente agita a minha patria vae sendo bastante conhecida em Portugal, graças ás transcripções de varios documentos que relativamente a ella se tem feito na «Palavra» e n'outros jornaes d'este paiz. No entanto, para que mais cabalmente seja manifestada a hypocrisia maçonica dos obreiros em trabalho do imperio de Santa Cruz (são os mesmos em toda a parte), vou tomar a liberdade de lhe remetter um excerpto da reputação a certa *prancha* do Oriente Unido, que se publicou no Rio de Janeiro; e aproveitando a occasião para agradecer a excessiva bondade com que sempre tem accedido os meus pobres escriptos ou communicados, transcrevendo-os promptamente no seu mui acreditado jornal, tomo ao mesmo tempo a liberdade de dizer a v. s.ª que, animado por isso é provavel que continue a incommodar-o e mais a seus leitores. (1) Sou... etc.

O Catholico Brasileiro.

«A obediencia catholica ás auctoridades legitimadas e a hypocrisia maçonica

... Ninguem melhor do que os ca-

(1) Bem longe de nos incommodar, obsequia-nos e edificanos.

A Red.

tholicos conhecem as obrigações de obedecer ás auctoridades legitimadas, na esphera de sua competencia. Nem faremos como os Srs. maçons, que adulam-na servilmente e a tornam até um idolo de suas adorações, e investindo-a do sacerdocio e da jurisdicção espiritual, e mil outras hypocrisias, quando miram abater a Igreja Catholica e a sua jerarchia: quando porém lhes sopra o vento do interesse por outro bordo, cobrem-na de lama, desrespeitam-na, e violam suas leis de publico e de privado: do que são provas bastantes seus mesmos diarios e periodicos.

Nós catholicos respeitamos a auctoridade civil e lhe obedecemos, não por serem homens que a exercem, mas porque cremos que são representantes da auctoridade do mesmo Deus cá na terra: porque ouvimos e aprendemos de Jesus Christo por boca de seus Apostolos, que nos devemos sujeitar aos poderes temporaes, sejam quaes forem seus nomes e sua forma: porque temos sobre nós o oraculo da eterna verdade, que quem resiste á auctoridade, resiste á ordem do mesmo Deus. *Qui resistit potestati, Dei ordinationi resistit*. Mas com esta fé, sabemos tambem que a jurisdicção das auctoridades temporaes se limita ás cousas do tempo. No que toca ao espirital seu poder é tanto como zero.

N'este particular conhecemos outra auctoridade, á qual ellas como nós estamos sujeitos; é a auctoridade de Jesus Christo vivendo na Igreja Catholica Apostolica Romana, cujo chefe visivel é o Summo Pontifice.

Se nas materias e cousas do tempo nos sujeitamos aos governos legitimamente estabelecidos, na ordem da salvação eterna não conhecemos superior, senão aos que Jesus Christo confiou a missão de doutrinar-nos e apascentar-nos. D'esta arte damos a Deus o que é de Deus, a Cesar damos o que é de Cesar.

Ora, este poder que a Igreja houve do Salvador por nenhum outro poder da terra pôde ser impedido, cohibido nem limitado. Igreja sujeita ás contingencias e caprichos das auctoridades temporaes, fóra tão absurdo, como sujeitar a alma ao corpo, o espirito á materia, a eternidade ao tempo. Se ella, e só ella tem a missão de ensinar o caminho do céo aos reis e aos povos, como se pôde conceber sujeita áquelles? Por isso quando ella nos suscita, nos manda ou nos avisa, queiram ou não queiram os governos, a consciencia do catholico verdadeiro está obrigada, sob pena de rebellião contra o mesmo Jesus Christo. Bem clara se mostra esta verdade no Evangelho, que os maçons tão realmente desprezam, quão hypocritamente louvam, e trazem sempre na boca. *Qui vos audit me audit, qui vos spernit, me spernit*. Devem estes senhores admitir que a Igreja é tão independente das leis do Estado ao menos, quanto elles querem fazer os Estados independente d'ella. Mas a guapa logica d'estes egregios catholicos tem vós onde ninguem os alcança. Apregoam uma Igreja livre no Estado livre, isto é, um governo sem Deus, sem Christo, sem fé, sem Religião, e com a mesma penna com a qual produzem semelhantes delicias decretam que a fé, a Religião e o mesmo Jesus Christo sejam sujeitos ao Deus-Estado! E quando a Igreja pugna por estes direitos inauferiveis, os amigos do Christo, como se intitulam os filhos submissos do Evangelho, os exemplares de todas as virtudes, esses que se empenham para elevar a humanidade á mais intima união com Deus, vasam contra essa Igreja e contra os catholicos os mais bellos epithetos de seus riquissimos vocabularios. Sahem-lhes aos borbotões os lindos alcu-nhas de *ambição clerical*, de *impostura theocratica*, de *iras de sacristia*, de *jesuitismo* e outros, para mimosearem com

elles os catholicos. Não admira: só os maçons tem liberdade para assoalhar quanto erro lhes inspirar o pai da mentira; e os catholicos tem rigorosa obrigação de ouvir-os mufos e quedos, e até de lh'os agradecer como favores.

Não nos espantamos de seus tresvarios; a isso estamos desde muito acostumados. Mas o que nos custa levar sem assomarmos de indignação, é que estes exímios senhores a trancos e a barrancos queiram fazer passar por estrangeiro o chefe do catholicismo na terra dos catholicos; o pae na casa dos filhos, o Supremo Pastor no meio do seu proprio rebanho. Se eu não temesse as sanhas dos Srs. maçons, aconselhára a SS. SS. lessem mais da pausa um livrinho, que todos os catholicos trazem na memoria, para não cahirem em disparates d'este calibre.

Seja muito embora o Pontifice estrangeiro para os maçons, que o renegaram de pai, e se puzeram fóra da Religião, de que elle é o unico chefe: para nós catholicos será sempre sagrada sua auctoridade, respeitadas suas leis, venerados seus conselhos, e sempre o confessaremos tão legitimo, tão independente, tão unico superior no fóro de nossa consciencia, que a nenhum outro poder da terra daremos vantagem.

Se para caluniar e impugnar o acto de S. Ex.ª o Sr. Bispo de Olinda, os illustres auctores da representação maçonica andaram batendo com a cabeça pelas paredes do templo tenebroso, ao atacar a Religião Catholica que vem de todo as ventas. Vejamos de que maneira tratam elles a santa Religião, que os brazileiros beberam com o leite, e que graças a Deus, vem professada pela constituição que os rege.

Da impiedade da maçonaria temos provas mais que sobejas. De presente apreciemos só as que de si exhibe a peça em que vamos intendendo. Notae-lhe bem o sentido de suas palavras, leitores.

A Religião, que por meio de seus ministros faz executar suas leis, é chamada pelos representantes da maçonaria «tentativa do obscurantismo procurando fazer a humanidade retrogradar do seu caminho progressivo, para lançal-a de novo nos antros da sujeição espirital e temporal»: são suas textuaes palavras.

O poder d'essa Igreja Catholica, que os condemna, e esmaga estes senhores, que são toda tolerancia, com maçonica moderação appellidam «uma auctoridade tyrannica, odienta, implacavel e incansavel, que como a serpente vencida, busca affogar a consciencia humana nos seus anneis compressores, que são os élos da interrompida cadêa do despotismo romano, buscando, mas debalde, reduzir o mundo inteiro á dupla escravidão moral e material.»

Parece impossivel que na cabeça de algum homem pudesse aninhar-se tanta insensatez.

Ouçamos ainda a christianissima apreciação da doutrina catholica, feita pelos genios gigantes do maçonismo: «Obra sinistra (fallam do catholicismo) de systematica deturpação dos mais elevados principios do christianismo em exploração e exclusivo proveito de uma seita ambiciosa e funesta, que desde longos annos cava a ruina da religião, e espanta a consciencia da humanidade. Basta: não queremos magoar com tamanhas blasphemias e impiedades os ouvidos dos leitores catholicos.»

E taes homens ainda tem o despejo de se dizerem catholicos! Isto é, abusar demasiado do bom senso brasileiro. E ainda se mostram magoados e indignados que um Bispo os excluisse das Irmandades religiosas! Elles creem tanto em Irman-

dades e fazem tanto caso d'ellas como nós fazemos das Lamaserias da India.

O que temem é que o publico os tenha na conta de que na realidade são impios, hereges e excommungados. Não ha pedrinha que não movam para vêr se se purgam d'esta nodosa indelevel. Acontece-lhes porém ao revez de seus desejos, porque assim como quem está mettido no lodo quanto mais se esforça por sahir, mais se enlameia; assim quanto mais buscam parecer religiosos, mais patente fazem sua impiedade. Que lhes importa serem membros da Irmandade do SS. Sacramento a elles, que não crêem na presença real de Jesus Christo, como por seus jornaes o tem prégado alto e bom som? («O Pelicano» do Pará).

Que lhes montam irmandades de Nossa Senhora, pois nem acreditam na Virgindade, nem na Conceição da Immaculada de Maria Santissima, antes atacam-na descaradamente em seus escriptos? («Verdade» de Pernambuco).

Que valem para estes impostores, irmandades de Santo Antonio, de S. Francisco e todas as outras, tratando elles de tyranna e estrangeira a auctoridade em que ellas assentam, e perseguindo como superstição as indulgencias, a confissão, as rezas e todas as praticas que n'ellas se fazem auctorizadas pela Igreja?

Homens que taes doutrinas professam e outras da mesma estofa; homens que não crêem nem em Papas, nem em successores de S. Pedro, nem na Igreja, pôdem crêr nas graças que derivam d'ella; e pôdem sentir com verdade estarem excluidos de taes associações? Para que são logo essas lamurias, esses clamores, essa guerra raiosa, que levantam contra os Bispos, contra a Igreja, debaixo do manhoso nome de *Jesuitismo*, senão para iludir o bom povo brasileiro? Senão fallemos sem reboço, por uma triste hypocrisia?

Para remate d'esta impostura os auctores da tal representação insinuam que o *Jesuitismo*, isto é, o catholicismo praticado como a Igreja prescreve, é capaz de atear uma revolução religiosa, e uma conflagração no povo brasileiro. Com effeito! E' doudejar de mais. Estes senhores que prégam um republicanismo radical, que conculcam o governo desapiadadamente, que vão assim calando no coração do povo o desrespeito para com as auctoridades, e o desamor para com o soberano, não temem atear uma conflagração no Imperio: e finam-se de medo, por que os Bispos fazem executar as leis da religião, que os brasileiros professam! Não temem que seus jornaes incendiarios peguem o fogo em nossa terra, e assustam-se com as Pastoraes dos Bispos, que nada mais ensinam, nem mandam do que o amor e obediencia ás leis divinas e humanas!

Mas donde procedem os seus receios? De que os Bispos causem alguma divisão nas crenças do povo, e d'ahi se levante uma guerra. Se elles só prégam o que todos cremos, como pôde surgir essa phantastica scisão, que estaes sonhando? Pôde sim haver, mas da parte dos maçons, que rebeldes á Igreja talvez queiram recorrer a meios violentos, para conquistar a não sei que endeosada liberdade. Nunca porém será o povo brasileiro o autor d'estas perturbações, esse povo que a despeito das tentativas da maçonaria para pervertel-o se conserva unido, e submisso aos seus Prelados.

Excitam-nos verdadeiramente o riso, os rumores maçonicos n'este particular. Estes senhores desde o Amazonas até o Rio Grande estão vomitando quanta impiedade nunca ouviu a Terra de Santa Cruz. Seus jornaes podemos com razão chamar crateras do inferno, pelas heresias, sem conta, que despejam por toda a parte.

Ahi estão os seus jornaes do Pará ensinando que Nosso Senhor Jesus Christo é um *demagogo*, um *revolucionario*, um *Deus semi-nu scismador etc.*; ahi está a «Verdade» maçonica do Recife a negar a virgindade de Maria Santissima e sua Conceição Immaculada, e por conseguinte sua Maternidade divina e todos os seus privilegios: ahi está o seu «Pelicano» a dizer que miram os maçons destruir a religião antiga, para estabelecer uma nova a seu geito: ahi estão emfim, para não fallar nos outros, as cartas do apostata Guilherme Dias negando e combatendo um por um todos os dogmas do christianismo; tendendo a extinguir de todo a fé no coração do povo.

Todos estes orgãos e membros da maçonaria cavando a ruina completa da religião dos brasileiros não pôdem excitar uma conflagração; e podem os Bispos e

catholicos que apontam seus erros, os combatem, estigmatizam e contra elles precatam os fieis confiados á sua vigilancia e cuidado pastoral! Por certo os maçons quizeram que os Pastores viessem entrar os lobos no rebanho, matar, despedaçar e devorar, e ficassem presenciando todo este damno sem rugir nem mugir, e até applaudissem o estrago e carnificina das suas ovelhas. Que as sentinelas percebessem o assalto dos inimigos, e nem ao menos dessem rebate para se armarem os defensores e repellil-os.

Se os Bispos fossem d'est'arte traidores de seu officio e de sua consciencia estariam perfeitamente ao sabor da maçonaria. Mas como não permitem que se insinuem lobos entre as ovelhas, como declaram que não pôdem fazer parte da Igreja os rebeldes ás suas leis, os excommungados e os que se conservam em uma seita, que a persegue, lhe faz guerra de morte e a deseja varrer da face da terra: ai que temos conflagração no Imperio!...

(Continúa).

Carta encyclica do Nosso, pela Divina Providencia, Santo Padre, o Papa Pio IX.

Nós pois, que fomos constituídos n'esta suprema cadeira de Pedro para custodiar a fé catholica, para defender a unidade da Igreja Universal, bem que indignos, seguindo o costume e exemplo de Nossos Predecessores e o das leis sacras, pelo poder que o Céu nos concedeu, não só declaramos, rejeitamos e atestamos, por illicita, vã e inteiramente nulla, a eleição do referido José Huberto Reinkens, feita contra a sanção dos sacros ritos; senão tambem que ao dito José Humberto, e aos que tentaram elegel-o e aos que prestaram auxilio á sacrilega sagração, bem como a todos os adherentes, ou que abraçando o seu partido, lhe prestaram ajuda, favor, ou consentimento, pela auctoridade de Deus Omnipotente excommungamos e anathematizamos e declaramos, publicamos e mandamos que sejam apartados da communhão da Igreja, devendo ser tidos na conta d'aquelles cujo trato e conversão o Apostolo prohibiu a todos os fieis; por fórma que até ordenou que nem os saudassem. (7)

Por tudo isto, que apontamos, mais propriamente lamentando, que narrando, Veneraveis Irmãos, de sobra ficareis sabendo quão triste e quão cheio de perigos seja o estado d'esses paizes Catholicos de que fallamos. Não vão melhor as cousas, nem os tempos correm mais bonancosos para a America, onde algumas regiões são tao hostis ao Catholicismo, que parece negarem os seus governos, com as suas acções, a fé catholica que professam. Por quanto n'ellas, ha annos a esta parte, que se começou a mover guerra atroz á Igreja, ás suas instituições e aos direitos d'esta Sé Apostolica. E não nos faltariam aqui razões para prova-lo, se houvessemos de continuar com este assumpto; como pôrém a gravidade dos factos não permite tratal-o de leve, outra vez nos occuparemos d'elles mais detidamente.

Admirar-se-ha talvez algum de Vós, Veneraveis Irmãos, por ver tão alastrada a guerra que está soffrendo a Igreja Catholica no nosso tempo. Mas quem conhecer a indole, os trabalhos e os intentos das seitas quer estas sejam maçonicas, quer lhes caiba outro qualquer nome — e os confrontar com a indole, o systema e a amplitude d'esta conspiração que opprime a Igreja em toda a parte, não poderá duvidar que as presentes calamidades não sejam consequencia das fraudes e das machinações d'essas seitas. Com effeito n'ellas se robustece a synagoga de Satauz, que arma as suas phalanges contra a Igreja de Christo e desfaldando o estandarte infernal trava batalha contra ella. Já n'outras eras os nossos predecessores, como atalaías de Israel, denunciaram estas seitas aos reis e aos povos, e mais de uma vez desde então as fulminaram com as suas condemnações, até Nós tambem já cumprimos este dever.

Prouvera a Deus que os Supremos Pastores da Igreja houvessem sido mais atendidos por aquelles que podiam affastar para longe tão pernicioso pestil! Esta porém, rojando-se por turtuosos caminhos, nunca parando no seu empenho de iludir a muitos com peridos enganos, tornou-se tão arrejada, que saindo dos seus esconderijos, veio á luz do dia, jactando-se do seu poderoso dominio.

(7) 11 Joann. v. 10.

Crescendo demasiado o numero dos iludidos, julgam estas seitas realizadas já os seus votos, e esperam chegar em breve ao termo dos seus desejos, ainda não cumpridos. Tendo de certo modo conseguido, como ha tanto tempo ambicionavam, pôr-se á testa do poder em muitos logares, subiu tanto de ponto o seu arrojo — pela força e prestigio da auctoridade, que teem reduzido a Igreja de Deus a uma dura escravidão, abalado os alicerces em que ella assenta e forcejado por denegrir o brilho dos caracteres divinos que a illustram. Que mais diremos? embatida ella com tão repetidos golpes, desejariam se possível fosse, depois de a abalarem e desmoronarem, extingui-la completamente em todo o mundo.

E sendo isto assim, Veneraveis Irmãos, cumpre-vos pôr todo o empenho em combater as machinações d'estas seitas, e preservar do contagio da perdição os fieis confiados aos vossos cuidados, e até os que por desgraça se tiverem inscripto nas mesmas seitas. Mostrae principalmente e impugnae o erro d'aquelles que sendo victimas do engano, ou propagando-o, não duvidam affirmar ainda que estas sociedades tenebrosas só teem em vista o bem social e o progresso da beneficencia mutua.

Expondo-lhes muitas vezes, e pondo bem alto ante os seus olhos as constituições Pontificias que tratam d'esta materia, que não só estão condemnadas as seitas maçonicas estabelecidas na Europa, senão tambem todas as que existem na America e nos demais paizes de todo o orbe.

E como, Venerandos Irmãos, viemos a um tempo em que sobram occasiões de padecer e de bem merecer, esforçemo-nos principalmente, como bons soldados de Christo, por não esmorecer e no meio da tempestade em que nos debatemos, avivemos a nossa esperança, e do clero e do povo na tranquillidade futura da Igreja, e em dias mais bonancosos, fiados no auxilio divino e n'este nobre commentario de Chrysostomo: «De toda a parte se erguem as ondas, e se enlurecem as tempestades; mas não tememos ser submergidos; porque assentamos sobre pedra».

Ruja embora o mar; mas não poderá destruir a pedra; encapellem-se embora as ondas; mas não poderão afundar o navio de Jesus.

Não ha nada tão poderoso como a Igreja. A Igreja ainda é mais forte que o Céu. *Passarão o Céu e a terra, mas nunca passarão as minhas palavras.* E quaes são estas palavras? *Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ella.*

De não crês em palavras, crê nos factos. Quantos tyrannos tentaram opprimir a Igreja! Quantas fogueiras, quantas fornalhas ardentes, quantos dentes de feras e agudas espadas! baidado foi tudo isto. E onde estão esses inimigos? Foram votados ao silencio e ao esquecimento. E onde está a Igreja? Resplandece mais que o sol. O que havia d'elles, já não existe: o que respeita a esta, é immorttal. Se quando os christãos eram poucos, não foram vencidos; como os poderão vencer agora que todo o mundo está cneio da sua religião? *Passarão o céu e a terra, mas nunca passarão as minhas palavras* (8) Perseveremos portanto na oração, não nos assustando por qualquer perigo e não vacillando nunca, façamos com que todos se empenhem em aplacar a colera celeste irritada pelos crimes dos homens, ate que Deus se manifeste na sua misericordia, aplacando os ventos, e estabelecendo o sossego.

No entretanto como penhor da nossa particular benevolencia, concedemos de todo o coração a benção Apostolica a todos Vós, Veneraveis Irmãos, ao Clero, e a todo o povo confiado ao cuidado de cada um de Vós.

Dada em Roma junto de S. Pedro aos 21 de novembro do anno do Senhor de 1873, vigessimo oitavo do Nosso Pontificado.

PIO PAPA IX.

O marechal Bazaine.

O marechal Bazaine ouviu a leitura da sentença com a maior serenidade, não quiz appellar da decisão do conselho, e quando acabou a leitura da sentença, disse para o official que commandava a escolta:

— Fuzilem-me; estou prompto.

Entretanto, o conselho de guerra escrevia a seguinte carta ao ministro da guerra:

«Senhor ministro.—O conselho de guerra acaba de pronunciar a sua sentença contra o marechal Bazaine.

«Jurados, resolvemos as questões que nos eram apresentadas, escutando apenas a voz da nossa consciencia. Não precisamos de analysar o longo debate que nós escutamos. Só a Deus devemos conta dos motivos da nossa decisão.

«Juizes, tivemos de applicar uma lei inflexivel e que não admite que circumstancia alguma possa attenuar um crime contra o dever militar.

«Mas essas circumstancias que a lei nos prohibia que invocassemos ao pronunciar a nossa sentença, temos o direito de lh'as indicar.

«Lembrar-lhe-hemos que o marechal Bazaine tornou a exercer o commando do exercito no meio de difficuldades inauditas, que não é responsavel nem pelo desastroso principio da campanha, nem pela escolha das linhas de operações.

«Lembrar-lhe-hemos que no fogo se mostrou heroico sempre; que em Brong, em Gravelotte, em Noisseville, ninguém lhe passou adiante em valentia, e que no dia 16 de Agosto, pela firmeza da sua attitude, manteve o centro da sua linha de batalha.

«Considere os serviços do voluntario de 1831; conte as campanhas, as feridas, as acções heroicas que lhe mereceram o bastão de marechal de França.

«Pense na longa detenção que acaba de soffrer; pense n'este supplicio de dois mezes durante os quaes ouviu todos os dias discutir-se diante d'elle a sua honra, e juntar-se-ha a nós para pedir ao presidente da Republica que não deixe executar a sentença que acabamos de proferir.

O presidente, *duque de Orleans* — Os juizes, *General Barão de Chabaud-La-Tour*, *General J. Tripier*, *General Princelet*, *General Ressayre* e *General de Malroy*.

Mac-Mahon, recebendo este officio, reuniu logo o conselho de ministros, e expoz que o direito de perdão, que pertence pleno e inteiro ao soberano, não pôde caber egualmente a um delegado da assembléa, mas que, em presença do documento, que transcrevemos, de muitas cartas no mesmo sentido dirigidas a Mac-Mahon, sendo uma principalmente do sr. Thiers, que pede ao presidente que não deixe executar a sentença, dos despachos de muitos prefeitos, etc., julga que deve commutar a pena.

O conselho de ministros concordou n'isso, e, entendendo que o exilio podia augmentar os elementos de desordem que já não são poucos em França, decidiu que fosse condemnado Bazaine á detenção n'uma fortaleza, onde se lhe podesse dar uma certa liberdade. Escolheu-se para isso a ilha de Santa Margarida, que já servira de prisão ao «Mascara de ferro».

«A esposa do marechal Bazaine, avisada pelo bispo de Dupanloup das esperanças dos seus amigos, foi logo á presidencia e Mac-Mahon em pessoa lhe deu a feliz noticia.

Bazaine, logo que a recebeu, escreveu ao duque de Magenta a seguinte carta:

«Trianon, 12 de Dezembro de 1873. — Sr. marechal. — Vejo que se lembrou do tempo em que ambos serviamos a patria, ao lado um do outro; receio comtudo que o seu coração dominasse a razão de estado.

«Teria morrido sem pezar, porque o pedido de perdão que lhe dirigiram os meus juizes, vinga a minha honra.

«Acceite, sr. marechal, a asseveração do meu respeito. — Bazaine.»

Lachaud agradeceu, em nome do marechal, ao sr. Thiers a sua intervenção. Dois sobrinhos de Bazaine, um official de infantaria e outro de cavallaria pediram a sua demissão.

Os jornaes, ainda os mais republicanos, acolheram bem este acto de clemencia; querem porém aproveitall-o para pedirem de novo a amnistia.

Os jornaes inglezes mostram-se em geral muito favoraveis a Bazaine; o «Times» porém é que falla com justiça e sensatez. Bazaine, diz elle, tem um verdadeiro crime militar: foi o de não reconhecer o governo de facto, que a França toda reconhecera, de affrouxar as operações militares para fazer politica, e preparar assim a entrega inevitavel de Metz.

— O marechal Bazaine escreveu ao seu advogado, o sr. Lachaud, a seguinte carta que pinta claramente o estado do seu espirito:

Meu estimado e valoroso defensor — Antes da hora suprema, quero agradecer-vos de todo o coração os esforços heroi-

(8) Rom ant. exil. n. 1 e 2.

cos que tentastes para defender a minha causa.

Se os accentos da mais profunda eloquencia que hauristes no sentimento da verdade e na dedicaçao do vosso nobre caracter, não poderam convencer os meus juizes, é porque elles não podiam ser convencidos, pois, na vossa admiravel phrase excedestes o esforço humano.

Não appellarei. Não quero prolongar diante de todo o mundo o espectáculo de uma lucta tão dolorosa, e rogo-vos que não deis passo algum em meu favor.

Já não é aos homens que peço que me julguem. E' do tempo e do apasiguamento das paixões que espero a minha justificação.

Aguardo, firme e resoluta, forte da minha consciencia que não me censura coisa alguma, a execuçao da sentença.

Marechal Bazaine.

Trianon sous Bois, 11 de Dezembro de 1873.

— Crê-se que o marechal Bazaine será enviado para o forte da ilha Santa Margarida, onde expiará a sentença.

A ilha Santa Margarida fica situada defronte de Cannes. A sua distancia da costa é apenas de 2 kilometros.

O forte que é o unico sitio habitado da ilha, acha-se na ponta deste que olha para a ponta de Antibes. Na outra extremidade ha um grande jardim cerrado, que contém os melhores laranjeas do local.

O forte de Santa Margarida serviu de prisão aos prisioneiros arabes das ultimas insurreições de Argelia.

— Lê-se no «Constitutionnel», de Paris:

Eis a carta que na tarde de hontem, o condemnado de 10 de Dezembro, enviou ao seu antigo irmão de armas, MacMahon:

Trianon sous Bois, 12.

Sr. marechal — Lembrai-vos ainda do tempo em que serviamos a patria um ao lado do outro; temo que o vosso coração haja dominado a razão do estado!

Teria morrido sem pesar, porque o pedido de perdão que vos dirigiram os meus julgadores vinga a minha honra. Accipite, sr., etc.

Bazaine.

— Fallou-se d'uma carta dirigida pela ex-rainha Isabel ao marechal Bazaine. Eis alguns pormenores:

A ex-rainha tem ha muito grande amizade ao marechal. Esta amizade data do tempo em que o valente soldado foi sustentar com a sua espada o throno de Isabel, então creança, na guerra dos sete annos. Em lembrança d'estes serviços, a ex-rainha serviu de madrinha do filho mais novo do marechal que tem o mesmo nome que o principe das Asturias, Alfonso.

Ao saber a terrivel sentença, D. Isabel escreveu uma carta, na qual se lêem, entre outros, os seguintes periodos:

«Bem que totalmente estranha ás paixões politicas que agitam esse paiz, tenho por vós e por vossa familia amizade demasiado viva e sincera para me dar pressa em vos exprimir o fundo pesar que senti n'esta circumstancia terrivel.

Disponde de mim como de uma amiga presada, e não receeis dirigir-vos a mim para tudo o que julgardes util.»

O marechal respondeu immediatamente a esta carta. A resposta, muito extensa, é todavia do punho do marechal.

A rainha leu-a quinta-feira á noite na presença da sua familia, com os olhos arrasados de lagrimas e a voz cortada por soluços.

— Affirma-se que o marechal Bazaine já foi riscado dos registros do exercito francez e que prova do «Annuario militar» que appareceu no fim de janeiro vae ser emendada n'este sentido, por não dever figurar alli o nome de Bazaine.

Mas o que será difficil de riscar da historia, diz o «Gauze», são os combates de Macta, de Sebastopol, de Kinburn, de Malegnano, de Solferino, de Puebla, de San Lorenzo, de Borny, de Rosenville, e outros de que Bazaine foi o heroe.

— Escrevem de Trianon:

Em a noite de quinta para sexta feira, um official de ordenança do ministro da guerra apresentou-se em Trianon des Bois pela uma hora e meia da madrugada.

Depois de ter mandado chamar o coronel Vilette, entregou-lhe uma carta pela qual o general du Barail o prevenia de que a pena de morte pronunciada contra o marechal Bazaine estava commutada em vinte annos de detença.

O coronel hesitou por meia hora em comunicar aquella noticia ao marechal; temia perturbar-lhe o descanso. Por ultimo resolveu-se a entrar no quarto.

O marechal estava deitado, com o seu filho mais velho nos braços.

Quando viu entrar o seu fiel companheiro, disse-lhe em voz baixa, para não despertar o filho: — Então! que ha, Vilette?

O coronel estendeu-lhe a carta. O marechal leu-a e disse: — Ah! pensava que me vinham buscar para me fusilarem!

Depois pousou a cabeça para o lado de seu filho, e convidou Vilette a que fosse dormir.

— Durante as 4 horas que durou a deliberação do conselho de guerra, diz o «Paris-Journal», o marechal Bazaine rodeado de sua familia e de alguns amigos intimos, ora passeava, ora assentava-se com um socego inalteravel, entretendo-se de uma cousa e de outra como um homem que recebe visitas n'uma sala ao abrigo de toda a inquietação.

— Conta-se um pomenor relativo á sua familiaridade, só uma vez se viu commovido este homem cuja vida se deliberava a dous passos d'elle; é que fizesse esperar o jantar de seu filhinho Achilles.

Avançou, n'este momento, para a escada com um passo um tanto impaciente e como inquieto. Fizeram-lhe observar que parecia querer ir ao encontro da sua sorte com ansiedade.

— Ah! é verdade! disse elle, já não pensava n'isso.

E tornou a assentar-se.

M. Georges Lachaud, seu advogado, foi o primeiro que todo consternado, acorreu gritando:

— Condemnado á morte!

No mesmo instante os gritos e os soluços se fizeram ouvir. Só o marechal permanecera inabalavel.

O coronel Vilette, esse modello de dedicaçao e de amizade, cae fulminado no soalho. Levantam-n'o. O marechal exhorta-o e recomforta-o.

— Depois de ouvir com impassibilidade a leitura da sentença diante da grande assembleia, o marechal subiu ao seu quarto.

Houve quem lhe ouvisse dizer:

— «A minha morte nada é. Se pensam que ella deve ser util ao exercito, teem razão de me condemnar. Só poderia recear ter a minha consciencia contra mim, e ella nada me censura... Com isto, está-se sempre forte.»

— Quando, na encerraçao dos debates o presidente do conselho reclamando silencio, disse:

— Snr. marechal, tem alguma cousa a acrescentar á sua defeza?

O marechal levantou-se vivamente, e, com voz firme, respondeu:

— «Tenho aqui no peito duas palavras: Honra e Patria. Servi a França 42 annos e nunca trahi nem uma nem outra, juro-o perante o Christo que ali está.»

Juizo critico a respeito d'um livro.

Judiciosas reflexões encontramos na Revista critica da Correspondencia de Portugal a respeito do livro a Hygiene da Alma, e tão judiciosas que nos não dispensamos de as fazer nossas.

«Estou provando uma deliciosa impressao, que não posso deixar de repartir com os meus amigos. Li a Hygiene da Alma, um livro do barão de Finckestersleben, traduzido pelo snr. Ramalho Ortigão, e para repartir o meu entusiasmo desejo que todos leiam este livro. E' tão rara no firmamento litterario uma estrella amiga da verdade que não sobejam alegrias para lhe saudar o propicio advento.

Das relações da moral com a religião, das relações da moral com a politica, tem tratado muitos e muito conhecidos escriptores; porém dar relações da moral com a saude, que é precisamente o assumpto da Hygiene da Alma, não sei quem até hoje ousasse revelar a verdade em intimas confidencias recatada. E' esta revelação, mais que o seu theorico e pratico desinvolvimento, o relevante merito do livro, que não é um systema, como o proprio auctor confessa, mas que tão generosa luz diffunde, que bem pôde suscitar o mais luminoso de todos os systemas.

Á posição ingenua, em que o homem se considera como indivisivel unidade, faz o auctor succeder o estado reflexivo em que a philosophia, sacrificando ao methodo a verdade, nos decompõe sem cerimonia em corpo e alma. Accipite por hypothese esta barbara mutilação da humanidade, e para não se indispor nem com os amigos

do espirito nem com os amigos da materia, offerece ás potencias belligerantes a mediaçao do systema nervoso.

Não creio e parece-me que o autor tambem não crê na solidez d'esta ponte para atravessar o Mediterraneo; é antes minha opinião, e opinião que adeja sobre todas as paginas do livro, que os dois pretendidos continentes formam aquella unidade continental que o homem primeiro viu no claro espelho da ingenuidade.

Deixe mo-nos porém de investigar agora a filiação escolastica do escriptor, que esta curiosidade se encarrega o livro de satisfazer.

Como o autor é medico e psychologo, rarissima conjunção de aptidões, podem os não iniciados nos segredos d'estas sciencias aceitar de competente autoridade as observações do dominio singular de cada sciencia, assestando a critica ás relações sanitarias das duas esferas, ou antes dos dois hemispherios da constituição humana, que é onde reside a suprema intenção do livro.

A saude vem de dentro e as molestias vem de fóra. Para manter pois o estado sanitario do individuo é necessario ou evitar as injurias externas, como a viciação do ar, a corrupção dos alimentos, as excessivas temperaturas, o que pertence á hygiene do corpo; ou fortificar a defeza de modo que todas as injurias physicas recasse a permanente energia do espirito, o que pertence á hygiene da alma.

Não vem a nova revelação para revogar senão para acrescentar a primitiva revelação. Continue a hygiene physica a recomendar o exercicio, a pureza do ar, as virtudes chemicas dos alimentos, que a nenhum de seus preceitos se oppõe a hygiene da alma. O que esta vem fazer, proclamando a insufficiencia preventiva da hygiene physica que nem sabe nem pôde defender-nos de todos os inimigos, solidos, liquidos e gazosos, que a todo o instante nos ameaçam a vida e a saude, é chamar a attenção para um phenomeno em que até agora não tem pousado a vista dos observadores — a virtualidade sanitaria de um espirito intellectual e moralmente desinvolvido.

Do vigor e do abatimento do espirito todos conhecem a influencia sobre o curso e progresso das enfermidades, porém não é este phenomeno que mira a intenção do escriptor. é a permanente mas inconscia vigilancia de um espirito são sobre a saude de seu corpo, que toda vem da intima pureza do individuo.

Reduzindo consideravelmente o funcionalismo da alma, que a velha psychologia luxuosamente distribuia por muitas repartições de duvidosa proficiencia, simplifica o auctor os serviços espirituaes n'esta modesta organisação — faculdade de pensar — faculdade de sentir, incluindo a imaginação e o sentimento — faculdade de querer. Ainda mais se reduz a economia do espirito classificando todas as faculdades em faculdades activas e passivas, como em activos e passivos se classificam todos os temperamentos.

Cada uma d'estas faculdades demanda uma cultura singular, porém o fim ultimo da cultura não é desinvolvê-las, é afinal-as na harmonia presabelecida de cada individualidade. Cada individuo é instrumento com voz de diferente timbre e extensão. Conhecer pois o instrumento para o afinar em todas as cordas intellectivas, sensiveis e moraes, de modo que produzam a maxima harmonia em que se revela o seu caracter, isto é, conhecer-se a si mesmo é a primeira diligencia da educação.

Não se cultivam as faculdades sensiveis e intellectuaes para que todos sejam Homeros e Platões; cultivam-se á procura de nós mesmos, para nos encontrarmos harmonia da nossa individualidade, para sermos a nossa pessoa, e não diferentes parodias de estranhas personalidades.

Achada esta harmonia toma logo o individuo solemne posse de seus dominios, principiando a reger com o sceptro espirital todas as forças e movimentos da materia. «O espirito quer, o corpo obedece, começa a execuçao da sentença dos estoiicos». O ponto essencial da arte de viver em geral, diz o autor, e por conseguinte da hygiene moral, é por certo o termos sempre uma noção clara de nós mesmos, sem nos observarmos minuciosamente, conservarmos uma serenidade inalteravel no meio de todos os phenomenos da vida; supportar o assalto de todas as forças externas e ficarmos sempre os mesmos atravez de todas as alterações exteriores.»

Accentuando a necessidade da instrucção até onde chegue o alcance intellectual de cada individualidade, é á cultura das

faculdades sensiveis e moraes que o autor dedica mais detida attenção.

Quanto ao desinvolvimento intellectual, catando o devido respeito ao merito e gloria das especialidades scientificas, não dispensa nem os proprios especialistas dos conhecimentos geraes que lhes mostrem ao menos os vagos lineamentos do rosto da verdade. «Ha sabio, diz o autor, que consagra talvez metade da sua vida ao estudo da geometria; mas inteiramente dedicado a essa sciencia, despreza uma outra: a sciencia do homem. Outro affundiu-se nas profundidades da historia, e perdeu de vista o mundo actual». E' n'esta como em todas as outras culturas subordinado sempre o regimen da educação ao intento de esclarecer o espirito com a luz geral da verdade.

O mesmo intento se revela na educação das faculdades sensiveis para a qual se propõem, como o mais efficaz instrumento, as manifestações do bello nas varias telas da arte. Não é nova esta indicaçao. Já empiricamente a aproveitaram os antigos, como na applicação da musica, ou languida para domar o furor dos cretenses, ou fogaosa para accender os brios espartanos, e já scientificamente a propozeram e demonstraram Schiller e Jacobi. Não podia porém deixar de a repetir e encarecer o illuminado auctor da Hygiene da Alma, que de todo o seu systema deu a presidencia á verdade, ora assimilada na essencia pelos orgãos intellectivos, ora inspirada na fórma pela receptividade do bello, ora bebida na pratica pelos beijos da virtude.

A educação da vontade explana-se por dois extensos e profundos capitulos, em que o auctor justamente estranha o abandono d'esta nobre faculdade, tão susceptivel como outra qualquer, de cultura e desinvolvimento. «Quando fallo da vontade, diz o livro, não intendo por esta palavra a faculdade de desejar; mas sim a energia vital, que resulta da accão de todas as forças da alma, que se sente e se não define, que se poderia chamar propriamente — a faculdade pratica do homem». Contra os inimigos d'esta faculdade, que Alfieri tanto celebrou, attribuindo-lhe a sua gloria litteraria nas palavras — *volti, volti, e fortissimamente volti*, contra os inimigos d'esta faculdade, a indecisão, a distracção, o mau humor, ensina-nos o autor da tactica defensiva, mostrando-nos ao mesmo tempo em breve quadro as maravilhas que a energia de vontade tem produzido no mundo phisico e moral.

Desinvolvidas d'est'arte as diversas faculdades da alma e achada em seus concertados desinvolvimentos a nossa predelinada harmonia, que é o nosso verdadeiro ser, o astro do espirito illumina logo a materia, protegendo-a com a sua luz e o seu calor contra todas as investidas da enfermidade. Para chegar porém a este grau de perfeição recommenda muito o auctor que o espirito do homem se dilate na contemplação da natureza e se recolha sempre aos seios do puro amor de Deus e da humanidade.

É um livro que todos devem ler e possuir, porque basta a sua leitura para fazer alvorecer a saude na alma e no corpo. O seu elegantissimo traductor diz apenas, como critica da obra, estas palavras: «Traduzo este livro porque o considero, entre quantos tenho lido, como o mais efficaz, para dar ao homem a força e a felicidade.»

SECCAO NOTICIOSA

Um voto de louvor. — E' incansavel, no progresso da associaçao das filhas de Maria, a familia da casa da Costariça em Cervães Dotada de grandes sentimentos religiosos propoz-se attender a muitas necessidades, por meio d'esta pia união. Além da caridade que distingue tão illustre familia, caracteriza-a o seu zelo e fervor pelo augmento da religião e bem da sociedade. No dia 28 convidou ella o revd.º Marnoco para fazer na referida igreja a conferencia mensal.

O templo estava repleto de gente, a qual, com muita devoção e piedade, assistia aos actos religiosos, e correspondia assim ao zelo e fervor de quem os tinha convidado.

Bem haja quem tão bem comprehende a vontade da Virgem, o pensamento de Deus, o fim da associaçao, os votos de Pio IX e as necessidades da epocha!

Bem haja quem não se envergonha de confessar a religião catholica diante dos homens, poisque, tambem, o Salvador não se envergonhará de os confessar diante de seu pae, que está nos ceos!

Honra e louvor a tão religiosa como illustre familia!

Actor Dias. — Já de ha muito que o nome d'este illustre ornamento comico era entre nós admirado; já de ha muito que todos conheciamos o talento magistral de Dias para o theatro.

O que ainda não conheciamos era a bondade de seu coração, era a modestia de seu espirito. Attesta-o a sua carta, que vae publicada na secção dos communicados.

Permitta o distincto actor que nós ferrosos admiradores do seu genio, lhe enviemos sinceros parabens.

E' pequeno o tributo, mas tambem o Oceano, apesar de toda a sua magestade, não despresaria a offerta de bem humildes regatos.

O julgamento do «Futuro». — A este respeito escreve a auctorisada pena do illustre redactor do «Bem Publico»:

«No dia 17 de Dezembro foi condemnada em Braga pelo jury a redacção do «Futuro» por um artigo que publicou em Julho de 1871, respondendo a outro da «Gazeta do Minho», que serviu de agente provocador. A condemnação foi das mais duras de que ha noticia contra a imprensa jornalística. Sentimos os precalços do nosso collega.

Mas sentimos ainda mais pelo governo esta accusação, e pelo jury esta não vulgar severidade. Se nos informam bem, o artigo accusado considerava alguns actos publicos do sr. D. Pedro, duque de Bragança, que nenhum portuguez pôde louvar, e nem sequer trazer á memoria sem indignação.

Ignoramos se o «Futuro» se excedeu no direito de apreciação de uma figura historica. Não nos parece provavel, por ser uma folha decente e grave; mas se se excedeu o que não podemos louvar, perguntamos porque se não chamou tambem aos tribunaes a «Gazeta do Minho», se esta insultou, como nos dizem, cobardemente o sr. D. Miguel? Se este não é tão proximo da familia real pela natureza, como o ex-imperador do Brazil, tambem é parente mui chegado, e não se fez estrangeiro como este.

E em todo o caso, como é que se pôde impunemente negar a existencia de Deus pessoal, blasphemar dos mais augustos dogmas da religião — a Santissima Trindade e a Divindade de Jesus Christo; como se pôde injuriar infamemente a S. M. o rei e seu augusto pae, e mais infamemente ainda S. M. a rainha, e ha de ser inviolavel e sagrado, mesmo depois de morto, como um *feliche* de pretos, o sr. duque de Bragança que, fossem quaes fossem as suas intenções, tão fatal foi ao paiz onde nasceu, pelos agravos, como pelos dons?! Haverá n'isto uma incognita?

A sentença foi de seis mezes de prisão, tres dos quaes remiveis a dinheiro. O «Diario de Noticias» tirou d'esta circumstancia, e de ter sido em Braga o julgamento, occasião para louvar... não sabemos bem o que, no digno accusador publico; e nós pelo contrario achamos no que é patente, e no que este insinua, occasião para lastimar a sua posição de aspirante.

A respeito de enterramentos. — Uma questão grave se agita no Porto sobre enterramentos, entre as auctoridades civil, ecclesiastica e militar. Os casos que motivaram esta questão foram dous. «Um d'elles foi o enterro do cadaver de um agricultor no cemiterio de Agramonte. O filho, segundo se afirma, é protestante, e por isso mandou o cadaver para o lugar que n'aquelle cemiterio é reservado aos que morrem fóra da religião romana; porém, como o finado tivesse sido catholico, e recebido á hora da morte os sacramentos, o respectivo paroco reclamou o cadaver, o qual, por tanto será transportado para o lugar respectivo.

O outro caso é um conflicto entre os regulamentos militares e os municipaes em materia de enterramentos: o capellão do corpo respectivo acompanhára um cadaver até um dos cemiterios publicos; mas como fosse de estóla, o capellão do cemiterio não lhe permittiu a entrada por ser contra os seus direitos, e rezou elle os responsos; sobre isto tem havido correspondencia entre a camara e o general da divisão.

Asylo de S. José. — Recebemos o Relatório e contas da junta administradora d'este estabelecimento de caridade, no anno economico de 1872-1873.

A despesa total foi de 1:754\$910 rs. e a receita ordinaria é de 502\$896 rs. Apesar d'este alcance contra a gerencia no valor de 1:252\$014 rs. a junta administradora entrega como saldo para o anno seguinte 233\$954.

D'aqui se vê, pois, quão grandes foram

as esmolas que n'este prazo de tempo fizeram face a despesas numerosas.

Merecem especial louvor o sr. visconde de Margaride, o ex.m.^o Prelado Bracarense, e alguns outros generosos bemfeitores como os snrs. José Joaquim Fernandes, Manoel Ferreira Barbosa, da Bahia, e D. Luiza Maria Ferreira.

A junta administradora houve-se com tanto zelo e dedicação que de modo algum poderá ser excedido.

Foram grandes os melhoramentos que fizeram n'aquelle casa, sobresaindo a compra d'uma cosinha de ferro, na importancia de 322\$420 rs., os reparos no edificio na quantia de 58\$065 rs.; a compra de uma bomba de pressão para levar a aguapotavel ao centro da cosinha, no valor de 64\$515 rs. etc.

A diligencias suas tem crescido o numero de bemfeitores a ponto de nada faltar áquelle estabelecimento de caridade.

Honra e louvor a quem tanto se empenha por valer aos infelizes.

Uma boa acção. — Não pôde deixar de occupar um lugar de honra nos successos a extraordinaria noticia que ha dias nos chegou de Marrocos. O novo sultão mandou abrir as portas do serralho que herdára de seu pae e deu a liberdade a cerca de mil mulheres que alli tinha, declarando ao mesmo tempo que apenas queria uma mulher, cuja escolha fizera. O sr. M. J. ex-empresario de S. Carlos, logo que soube esta noticia, quiz ir para Marrocos. No harem havia vozes divinas, diz um jornal de Gibraltar.

Satisfação honrosa para Portugal. — Ha uma noticia importantissima. E' a plena satisfação que o vice-rei de Cantão deu ao governo de Macau, pelo apresamento de uma embarcação chinesa carregada de opio feito dentro d'aquelle nosso porto em frente mesmo do palacio do governador. O sr. visconde de S. Januario reclamou immediatamente, porém não foi logo attendido, porque foram falsas as primeiras informações que as auctoridades subalternas deram ao vice-rei.

Retorquiu energicamente o illustre visconde, e conseguiu fazer conher a verdade, seguindo-se a entrega da embarcação apresada, *ainda com a sua carga intacta de opio*, trazida de Cantão a reboque da canhoneira *Camões*, entrando assim no porto de Macau, onde tal facto produziu o maior contentamento, não só entre os portuguezes, mas tambem entre a população chinesa, que viu assim reconhecidos e garantidos os privilegios de porto-franco que tanto auxiliam o commercio chinês. O sr. visconde de S. Januario fez um serviço de grande alcance para as nossas relações diplomaticas e commerciaes com o imperio da China.

— Sobre o mesmo assumpto, escreve o *Diario de noticias* o seguinte: — «O visorei de Cantão, ao mandar fazer a entrega ao commandante da canhoneira *Camões* do barco apresado indevidamente nas aguas de Macau, declarou áquelle official que a desagradavel occorrença tivera lugar pela falta de practica de empregados ainda novos no serviço das alfandegas, e que elle julgava que o sr. governador veria no seu empenho em resolver promptamente esta difficuldade a mais cabal satisfação pelo agravo commetido e o dezejo de continuar as relações tão amigaveis que sempre teem subsistido entre os dois governos».

Depois d'esta excellente noticia, temos outras até 28 de outubro que confirmam, e asseguram sua grande importancia. O sr. visconde de S. Januario parece que não presenciou o fausto successo da entrada no porto de Macau da embarcação chinesa restituída, porque havia poucos dias tinha partido para o Japão, como ministro plenipotenciario de Portugal, para negocios relativos ao nosso tractado de commercio com aquelle paiz. Levou como secretario d'embaixada o sr. Pedro Gastão Mesnier, que julgamos natural d'esta cidade do Porto, onde reside seu pae. Ficou governando interinamente a colonia, o secretario do governo, o sr. Henrique de Castro. Havia inalteravel socego, e boa policia, exercida pelo corpo de mouros que o sr. visconde de S. Januario acertadamente fizera conduzir da India.

A guarnição estava muito desfalcada pelas baixas e deserções, e é urgente reforçal-a com soldados do reino, do que parece tracta o nosso governo.

Minas de carvão de pedra em Moçambique. — Do «Diario Popular» transcrevemos a seguinte correspondencia: «Ha muito que são conhecidas as minas de carvão de pedra da Zambesia. Bastará dizer-se que já em 1569 era incumbida a Francisco Barreto uma expedição,

proseguida depois por Vasco Fernandes Homem, até aos jazigos de Manchika no reino de Chiconga e até aos de Manninas nos de Quiteve e de Chicova.

«Esta expedição não teve resultado, mas claramente demonstra que a fama das riquezas minerias d'aquelle região já chegára ao governo de então

«Em 1608 e 1629 registam as chronicas doações feitas pelo imperador de Monopotama á corôa portugueza de todas as minas de ouro, prata, cobre e chumbo de uma parte da Zambesia.

«Em 1629, foi enviado alli um engenheiro por nome christovão Tirado, para inspecionar os jazigos que alli existiam; e dois annos depois organisava-se uma expedição regular com 20 mineiros dirigida pelo mestre de minas D. André de Vives.

«Todas estas tentativas, por diferentes causas, não proseguiram infelizmente.

Foi em 1836 que começou a prestar-se alguma attenção aos vastos jazigos de carvão de pedra do districto de Tete.

«As experiencias demonstraram que o carvão d'alli daria um optimo combustivel. O governo de Bombaim offereceu ao então governador de Moçambique comprar-lhe o carvão a 24 rupias por tonelada, vendendo aquelle governo os barcos chatos proprios para o transporte. As difficuldades de communicação obstaram a que se aproveitasse similhante offerecimento.

«Desde então o testemunho de todos os viajantes e especialmente Levingstone apresenta-nos nas mais favoraveis condições as riquezas minerias a que nos referimos. Levingstone assegura que Tete está no centro de um vasto jazigo de carvão de pedra, que se calcula desde a Lupata até Zumpo, e que é fechado por um circulo de minas de ferro.

«O governo tenciona dar breve solução a este negocio.

«Logo que lhe seja feita a concessão, o sr. Paiva Raposo partirá para Inglaterra a fim de apresentar o seu projecto á approvação de capitalistas importantes que se obriguem a formar mais tarde a companhia exploradora das minas.

«Estes capitalistas escolherão um ou dois dos mais distinctos engenheiros de minas, de accordo com o sr. Paiva Raposo, representante da associação a que acima nos referimos, e dar-lhes-hão o encargo de ir á Zambesia fazer os estudos indispensaveis e elaborar as plantas que hão de servir de base á futura exploração.

«Foi para fazer face ás despesas d'estes estudos e d'estas viagens que uma associação se constituiu em Moçambique com o capital de 47 contos de réis, dos quaes estão já depositados no banco Ultramarino 4:500\$000 réis para as primeiras despesas».

A seita dos quakers. — Vae em decadencia, diz uma interessante correspondencia de Londres, esta seita.

Os quakers fazem actualmente conferencias em Londres para obviar, se é possivel, á diminuição do seu numero. Esta seita, notavel pela firmeza das suas opiniões quanto á vida pratica, nunca foi muito numerosa. Fundada no decimo setimo seculo por George Fox, adquiriu rapidamente uma influencia que era devida tanto ao caracter pessoal de alguns de seus membros como á imagem de paz e de piedade um pouco pedantesca da communidade.

Em 1660 havia 6:000 quakers. Vinte annos depois fundaram a Pensylvania. Em 1800 havia 413 casas de assembleias (meetings houses — porque o quaker evita a palavra «egreja»); cincoenta annos mais tarde o numero descia a 371. Muitas das quakers não casam com homens que não pertençam á sua seita e isto tem feito diminuir o numero dos quakers. Demais, ha muito tempo que não se faz propaganda. Todavia em proporção do seu pequeno numero, os quakers exercem grande influencia no commercio, na industria e na politica. John Bright é um exemplo do que digo».

Os protestantes desmascarados. — Com este titulo viu a luz da publicidade um trabalho do distincto e muito conhecido auctor da *Historia da Igreja Catholica em Portugal*, o revd.^o José de Sousa Amado.

Este illustre escriptor mostra o que fizeram hontem, o que são hoje, o que serão amnhã os protestantes. Biographando os dous celebres fundadores do Protestantismo em Inglaterra, Luthero e Henrique VIII, mostra os progressos da Religião Catholica n'esse mesmo paiz, as leis do governo protestante inglez contra os catholicos, e as leis de Guilherme Orange e de Marta, o reinado da rainha Anna.

Depois diz o que são os protestantes

de hoje na Allemanha, Inglaterra, Hollanda e Suissa.

Em seguida revela o que serão os protestantes d'amanhã.

E' uma obra muito instructiva e de muita utilidade. E' mais um serviço, que o sr. padre Amado faz á causa da religião e da sociedade.

COMMUNICADOS

Sr. redactor.

Penhorado em extremo, com tantas finezas d'amisade, que não mereço, não posso ir-me, d'esta cidade, de mim sósinho, pois levo na intelligencia uma ideia, que o tempo, com suas injurias, não poderá apagar; no coração um affecto, que a vida, com suas vicissitudes, não poderá gastar; na alma um sentimento, cuja intensidade, o mundo com suas contrariedades jámais lhe poderá diminuir a intensidade quanto mais anniquillal-o.

Esta ideia é a admiração; este affecto é a amisade; este sentimento é a gratidão.

Mas, se a gratidão é um dever que orça, a amisade um sentimento que obriga, a insuficiencia é um motivo que desculpa, a pobreza uma razão que justifica.

Minguam-me forças, e sobram-me desejos de, a todos, fazer correspondencia igual.

Na impossibilidade de testemunhar o que ora sinto no fundo d'alma, fica-me, sómente, o preito da intelligencia e a homenagem do coração, que hoje e sempre e mais que nunca, deposito aos pés de todos os cavalheiros, que levaram gosto em dar-me honra com sua valiosissima amisade.

D'aqui, envio um cordeal abraço, e digo um saudoso adeus, a todas as pessoas, que se dignaram dispensar-me as demonstrações do merito, sómente, devidas ao bom operario da minha arte.

A' nobre classe escolastica, por quem tenho um affecto especial, os meus sinceros agradecimentos e leal amisade.

Aos illustrados jornaes d'esta cidade, que sempre me teem mimoseado com immerecidos, como multiplicados favores, a minha eterna homenagem.

Peço-lhe sr. redactor, como um dos maiores favores que me pôde prestar, a inserção d'estas linhas, que não dizem, nem redizem outra cousa, senão — *agradecimento e despedida*.

Juntarei mais este favor aos tantos que de sua mão tenho recebido; e, assim, ficar-lhe-ha, duplamente, obrigado este que se assigna de vero amigo e leal servo, e a quem o publico appellida e cohece como pobre e humilde actor

Dias.

Braga 23 de Dezembro de 1873.

AGRADECIMENTOS

D. Anna Joaquina da Silva Barbosa e seus filhos, dr. Guilherme Augusto Pereira de Carvalho e Abreu, José Fernandes Duarte Barbosa e o revd.^o José Maria Rodrigues da Costa Barbosa, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, servem-se d'este meio para agradecer a todos os cavalheiros e senhoras que os cumprimentaram por occasião do fallecimento de seu esposo, pae e thio, Domingos José Barbosa, cujo enterro teve lugar a 18 de novembro, na sua capella na freguezia de Serzedello, julgado da Povoia de Lanhoso: a todos protestam indelevel reconhecimento. (d-149)

ANNUNCOIS

Bernardino Fernandes, morador que foi no Paço Archiepiscopal d'esta cidade, previne a todos os seus amigos e freguezes, que mudou para a rua do Soute n.^o 21, onde continúa a tomar conta de qualquer obra tanto para ecclesiasticos como para seculares. (142)

AMORCIAS

Vendem-se de diferentes grossuras e tamanho, de 2 a 4 annos d'idade, no Horto Agricola de Braga (cerca dos Congregados).

Quem as pertender dirija-se ao caseiro do mesmo Horto, José Clemente de Carvalho. (149)